

Sinais de alerta pela cidade

Jornal “O Globo” – 24.03.2015

Carolina Oliveira Castro

Marco Grillo

Faltavam 1.999 dias para o início das Olimpíadas de 2016 no instante em que o Rio foi escolhido sede dos Jogos. Após 75% deste tempo disponível ter ido embora, questões crônicas da cidade — e essenciais para o bom andamento dos Jogos — ainda não foram solucionadas. Em alguns casos, como o da Baía de Guanabara, que vai receber as competições de vela, a resposta satisfatória ainda está muito distante. A Linha 4 do Metrô, ligando Ipanema à Barra da Tijuca, terá apenas dois meses de testes antes dos Jogos — e só metade deste período em tempo integral. Os BRTs — a Transolímpica é a principal aposta no deslocamento entre Deodoro e o Parque Olímpico, na Barra — ficarão prontos poucos meses antes do início das Olimpíadas, em 5 de agosto de 2016. A operação desses corredores de ônibus na cidade já registrou mortes, atropelamentos e outros acidentes. As construções de equipamentos esportivos, como o Velódromo, no Parque Olímpico, e o Centro Olímpico de Hipismo, em Deodoro, por exemplo, estão atrasados de acordo com o cronograma.

— Com relação às obras das futuras instalações dos Jogos Olímpicos, o TCU verificou que os prazos para suas conclusões são muito curtos. Esta situação representa risco para realização do evento, além de possibilitar aumento nos custos, comprometimento da qualidade e da segurança dessas construções — afirmou o ministro Aroldo Cedraz, do Tribunal de Contas da União, em relatório publicado em dezembro.

O Comitê Rio 2016 já afirmou que nenhuma arena construída para os Jogos estará 100% pronta até a realização dos eventos-teste, que começam em julho, com o vôlei, e vão até maio. Segundo a organização, não há necessidade de estar tudo pronto com grande antecedência, pois isso traria gastos elevados de manutenção.

— Não dá para fazer os Jogos antes dos Jogos. As obras estão caminhando como a gente imagina — assegura o diretor de Gestão de Instalações do Comitê Rio 2016, Gustavo Nascimento.

Aumento nos custos

Durante a oitava visita oficial de inspeção, no mês passado, o COI demonstrou preocupação com três locais de competição: Velódromo e Campo de Golfe, na Barra, e Centro de Hipismo, em Deodoro. A presidente da Comissão de Coordenação do COI, Nawal El Moutawakel, afirmou que as obras nessas áreas precisavam continuar em ritmo acelerado. O circuito de canoagem slalom, em Deodoro, também está sendo acompanhado com lupa porque é uma obra cuja engenharia é considerada complicada. — O Velódromo está em rota de recuperação — afirma o presidente em exercício da Autoridade Pública Olímpica (APO), Marcelo Pedrosa. Por mais que os organizadores afirmem que não há obras fora do prazo, fontes envolvidas nos projetos garantem que o Velódromo está atrasado, enquanto o Centro de Tênis entrou em “estado de alerta”.

As obras do Engenhão e do Complexo do Maracanã também preocupam. — Em termos comparativos, as arenas cariocas e a de handebol, no Parque Olímpico, estão com 70% das obras concluídas, o tênis, com 50%, e o velódromo, com 30%. Enquanto os outros já estão na fase final da cobertura, o velódromo ainda não tem nem o segundo andar — disse uma das fontes envolvidas na obra. O orçamento dos Jogos está em R\$ 37,6 bilhões, segundo a atualização mais recente da APO, em janeiro. Deste valor, R\$ 7 bilhões são de responsabilidade do Comitê Rio 2016. Outros R\$ 5,6 bilhões são de obras que não aconteceriam sem as Olimpíadas — casos das arenas e do Centro de Rádio e TV, por exemplo, na Barra.

Deste montante, R\$ 1,4 bilhão é dos governos federal, estadual e municipal; e R\$ 4,2 bilhões, de Parcerias Público-Privadas. Os R\$ 24 bilhões restantes são de empreendimentos que foram acelerados pela realização dos Jogos, mas que ficarão de legado para a cidade, como a nova linha de metrô. O orçamento certamente vai aumentar. Semana passada, o governo do estado anunciou que gastará R\$ 14 milhões com obras e aquisição de equipamentos para adequar a Lagoa Rodrigo de Freitas, que terá provas de remo e canoagem. O valor ainda não estava definido na atualização da APO — a nova planilha será divulgada em julho. A compra de um gerador para as competições na Marina da Glória e em Copacabana, de responsabilidade da União, também não foi orçada. O governo federal ainda assumirá os gastos com segurança nos equipamentos esportivos, que antes estavam previstos para o Comitê Rio 2016.

Barra da Tijuca - Com 11 instalações e custo estimado de R\$ 2,4 bilhões, o Parque Olímpico é a principal área de competição das Olimpíadas. Destas construções, as arenas cariocas, que terão basquete, esgrima, lutas e taekwondo; a Arena Olímpica, com ginástica artística, rítmica e de trampolim; e a do Futuro, com handebol, estão dentro do planejado. Já o Velódromo está atrasado, com apenas 30% das obras concluídas, segundo fontes envolvidas no projeto. A prefeitura nega. — Recuperamos o atraso e estamos duas semanas à frente do cronograma — garante o presidente da Empresa Olímpica Municipal (EOM), Joaquim Monteiro de Carvalho. O Centro de Tênis, com 50% das obras concluídas, está em estágio de alerta. Ainda na Barra, a construção do Campo de Golfe está bem encaminhada, segundo a prefeitura. O COI, no entanto, considera que as intervenções no local precisam continuar em ritmo acelerado. O evento-teste acontecerá em novembro.

Deodoro - A licitação para as obras atrasou, e o complexo de Deodoro chegou a ser a maior preocupação do COI. A construção nos nove aparelhos esportivos no local já começaram, a um custo de R\$ 846 milhões. No lado Norte do Complexo ficam a pista de mountain bike e de BMX, o Centro de Tiro Esportivo, as arenas Deodoro (rúgbi e parte do pentatlo) e da Juventude (parte do pentatlo moderno e basquete), o Centro Olímpico de Hóquei e o Centro Aquático de Deodoro. As obras dessas instalações estão bem encaminhadas. A maior preocupação é o Estádio de Canoagem Slalom. A obra é considerada complexa, já que há a necessidade de construir um rio artificial, com correnteza. Hoje, estão sendo feitas obras de terraplanagem e de concretagem da laje do lago. A instalação receberá, em novembro, o primeiro evento-teste. No fim do mês passado, durante a visita do COI, o prefeito Eduardo Paes ironizou a construção e afirmou que o espaço viraria “esquibunda para a molecada”. Outra área que inspira cuidados é o Centro Olímpico de Hipismo, no lado Sul. O COI afirmou que as obras precisam continuar em ritmo acelerado. O evento-teste da área, que vai receber as competições de cross-country, adestramento e saltos, está previsto para

acontecer em agosto deste ano. A obra do Centro de Hipismo está orçada em R\$ 157 milhões.

Copacabana - Muitas das estruturas olímpicas da região serão temporárias, como a Arena de Vôlei de Praia, o Forte de Copacabana — que vai receber maratona aquática e o triatlo — ,e o Parque do Flamengo, por onde passará o percurso da maratona. Na Marina da Glória, é preciso adequar a rampa de acesso dos barcos à água. No Estádio de Remo da Lagoa, o governo estadual vai gastar R\$ 14 milhões com a instalação de deques e partidores, que devem ser licitados ainda esta semana. As estacas que vão suportar as raia — que serão doadas pelo Comitê Rio 2016 — e os equipamentos de cronometragem e transmissão já foram licitados. As garagens de barco estão sendo reformadas, e a obra da torre de chegada já começou. O evento-teste também está marcado para agosto.

Maracanã - O governo estadual descarta a realização de obras no Maracanã, onde acontecerão as cerimônias de Abertura e Encerramento, e partidas do torneio de futebol. A organização dos Jogos, no entanto, defende o alargamento das entradas do campo e o reforço da cobertura — para suportar a estrutura de iluminação da festa que inaugura os Jogos. Além disso, não há previsão para o início de duas intervenções no complexo: a construção das quadras de aquecimento do Maracanãzinho, sede do vôlei, e a reforma do Centro Aquático Júlio de Lamare, que sediará o polo aquático. A explicação para a indefinição remonta à época da concessão do estádio. O contrato prevê que a Maracanã S.A arque com R\$ 594 milhões em obras, valor contestado pela concessionária, que alega alteração no contrato original, já que o estádio Célio de Barros, o Júlio de Lamare e a escola municipal Friedenreich não serão demolidos para que ela explore as áreas comercialmente. O Tribunal de Contas do Estado analisa o caso. No Engenhão, que passa por uma obra de reforço na cobertura, há ainda a necessidade de trocar a pista de atletismo e adaptar o sistema de iluminação. A obra, orçada em R\$ 52 milhões, sequer foi licitada.